

ARGUMENTOS PARA UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA DA PARÓDIA A PARTIR DA TEORIA DA SEMÂNTICA GLOBAL

Filipo Figueira⁷⁰

Resumo: Este texto é parte de uma pesquisa que visa compreender os sentidos construídos sobre o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff por um portal de desnotícias (“notícias falsas” ou “satíricas”), o *The Piauí Herald*. Neste artigo, pretende-se apresentar as bases para uma teoria discursiva da paródia. Leva-se em conta, no horizonte da produção desses efeitos de sentido, sua relação com o campo e discurso jornalístico. Para este objetivo, em primeiro lugar apresentou-se as teorias de dois teóricos distintos e influentes nos estudos da paródia: M. Bakhtin e L. Hutcheon. Em seguida, destacou-se os pontos positivos de ambas as teorias, e, em maior destaque, onde essas teorias são insuficientes para explorar a paródia para além de uma relação texto-a-texto, mas, como é o caso das desnotícias, discurso a discurso. Enfim, apresentou-se a teoria discursiva de D. Maingueneau, especificamente sua proposição sobre o interdiscurso, dando destaque ao conceito de simulacro. Propôs-se, finalmente, que a paródia, analogamente ao simulacro, funciona como uma imitação, que incorpora e modifica a semântica global do discurso que parodia, fazendo-o funcionar em uma outra chave, sem, no entanto, desvincular-se completamente dele.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Paródia; Semântica Global

Abstract: This essay is part of a Master’s research which aims to comprehend the meanings produced about the impeachment of the now ex-president Dilma Rousseff by a satiric-news’ portal, the *Piauí Herald*. In this paper, it’s aimed to present the bases for a discursive theory of the parodic phenomenon. It’s take in account, in the horizon of said signification production, its relations with the journalistic field and discourse. For this purpose, first, it was presented the theories of two distinct and influent scholars in the subject: M. Bakhtin and L. Hutcheon. Next, it was presented the positive aspects of each theory and, with greater interest, how said theories are insufficient to explore and analyses a parodic oeuvre beyond a text-to-text relation, but, as it is the case of satiric-news, a discourse-to-discourse one. Finally, it was presented the discursive theory of D. Maingueneau, specifically its propositions on interdiscourse, highlighting the *simulacrum* concept. At long last, it was proposed that the parodic phenomenon, analogously to the *simulacrum*, works as an imitation, which incorporates and modifies the global semantics of the parodied discourse, causing it to work in another scheme, without, however, detach itself completely from it.

Key-words: Discourse Analyses; Parody; Global Semantics

INTRODUÇÃO

A paródia, desde os gregos antigos até a chamada pós-modernidade, foi majoritariamente discutida em termos de texto-a-texto (ROSE, 1995): isto é, uma obra-fonte (a

⁷⁰ Mestrando do Programa de Pós -Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL/UNICAMP). Bolsista FAPESP (2017/01190-9). e-mail: figueirafp1@gmail.com

matriz) e uma ou mais obras-mimese (as paródias). Houve, é claro, exceções, e o mais influente teórico neste tema, M. Bakhtin (1981,1993), deixa entrever que a paródia não remonta apenas a *uma* obra, mas a uma *voz social*. No entanto, nem o autor russo nem seus interlocutores posteriores deram grande atenção ao caso, considerando suficiente a exploração mais restrita do conceito. Esse desinteresse por uma compreensão mais diversa da paródia explica-se possivelmente pela escolha dos objetos: via de regra, aqueles que teorizaram sobre a paródia preocuparam-se sempre com seu valor estético⁷¹, dando maior destaque a obras de arte, como esculturas, pinturas, obras arquitetônicas e, principalmente, obras literárias. Essa restrição pode tê-los levado a olhar para a paródia apenas em termos de obra-a-obra.

Deparei-me com essa falta ao formular as análises sobre o funcionamento paródico das desnotícias. Visto que são textos humorístico-miméticos de notícias fatuais, como o nome deixa perceber, e que “enunciam” sobre os acontecimentos previamente veiculados pelo discurso jornalístico, considero que são paródias. O problema, no entanto, é que as desnotícias não se baseiam em *um texto* como fonte, e, se aparentam fazê-lo, é menos por regra do que por contingência do acontecimento textualizado. Senti a necessidade, portanto, de abordar a paródia em termos discursivos. Em virtude disso, neste artigo, pretendo tornar mais abrangente o escopo das análises paródicas, explorando caminhos para abordá-la não apenas como um fenômeno “intertextual”, mas primordialmente *interdiscursivo*; isto é, para além da separação entre forma e conteúdo ou das relações texto-a-texto, abordá-las a partir das condições de produção e das estruturas semântico-discursivas dos discursos em relação paródica.

Com essa finalidade, primeiro, retomarei as bases da teoria bakhtiniana da paródia, bem como o modo pelo qual ela foi retrabalhada por L. Hutcheon (1989). Em seguida, pretendo propor, em tom complementar, caminhos para um outro olhar sobre o discurso paródico, agora com base na proposta da Semântica Global, de D. Maingueneau (2008). Este novo olhar me permitiria pensar a paródia para além da relação forma/estrutura sem cair, no entanto, em um intencionalismo, como o faz Hutcheon, e explicar efetivamente como convivem, na produção paródica, as vozes, códigos ou, como prefiro, os discursos inter-relacionados.

⁷¹ M. Rose (1995), em seu estudo sobre a Paródia através da história ocidental, apresenta um levantamento extenso desses autores, que pode ser útil a quem interessar-se sobre o tema.

DIALOGIA, HOSTILIDADE E TRANSGRESSÃO

A pedra angular da teoria bakhtiniana encontra-se formulada no conceito de dialogismo: isto é, no primado teórico de que *todo enunciado* é sempre terra já colonizada por outras vozes, anteriores e posteriores à sua realização – vale lembrar que, para Bakhtin e seu círculo, o enunciado é a *palavra encarnada*, a língua em sua realização social. Nas palavras do autor, “todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido [...] pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele” (BAKHTIN, 1993 [1975], p. 86). De muitas maneiras, essa compreensão da realização discursiva também me é cara – mesmo que com a necessidade de algumas adequações –, entre outros motivos porque, tanto para mim, quanto para Bakhtin, a crença na coabitação discursiva nos enunciados situa a paródia em um lugar privilegiado para sua observação.

Segundo defende o filósofo russo, há uma categoria especial de enunciados que, ao invés de suprimirem seu caráter dialógico, visam precisamente *ressaltar* a axiologia a qual estão sujeitos (BAKHTIN, 1981). Estes representam linguisticamente as vozes sociais (ou algumas delas) com as quais estão em diálogo e são dois os tipos de relação com seus enunciados-fonte: podem associar-se a eles em uma nova direção, mas coexistindo e misturando-se com eles, sempre em acordo com a voz original – processo que chamou de *estilização*; ou ainda, uma associação antagônica, em que a segunda voz torna-se *propositalmente indisciplinar* à sua matriz, contrapondo-se à palavra que a fomenta – é este mecanismo que Bakhtin (1981) diz ser a paródia. Nela, “como na estilização, o autor fala a linguagem do outro, porém, diferentemente da estilização, reveste essa linguagem de *orientação semântica diametralmente oposta* à orientação do outro” (idem, p. 168, meu destaque).

Nesta definição de paródia, como um discurso que “se converte em palco de luta entre duas vozes” (idem, p. 168), Bakhtin introduz a possibilidade que busco – isto é, de expandir as análises para além de um “enunciado” ou “texto” fonte, mas sim de uma discursividade. Bakhtin (1981) inclusive considera que a gama de objetos parodiáveis é bastante ampla: desde um texto, ao estilo de um autor, ou até mesmo o “espírito” de um tempo. No entanto, suas análises pouco mostram essa expansão: quando discute a *necessidade intrínseca* de que a voz original seja *reconhecida* na paródia para que ela não seja vista como uma “cópia malfeita” ou como uma “má obra de arte”, detém-se em fazer análises formais, com enunciados ou construções narrativas (como de D. Quixote, por exemplo), ou de formulação muito próxima aos originais.

Em contrapartida, é por questionar o caráter “hostil” e por demonstrar mais explicitamente a dualidade da paródia que a obra de L. Hutcheon (1989) torna-se interessante para o que proponho. Como entende, a abordagem da paródia não precisa passar pela hostilidade⁷², mas pela compreensão de que toda paródia é produto da *distância* estabelecida pelo próprio texto com sua fonte. Com um toque deleuzeano, Hutcheon considera que o mecanismo paródico é *repetição com diferença*, imitação a partir da distância crítica: “as naturezas textual e pragmática da paródia implicam, ao mesmo tempo, *autoridade e transgressão* e ambas devem ser tomadas em consideração” (1989, p. 89, meu destaque). Em outras palavras, a paródia é uma relação intertextual em que coexistem, paradoxalmente, a oposição e a autorização da voz parodiada: “as transgressões da paródia permanecem, em última análise, autorizadas - autorizadas pela própria norma que procura subverter” (idem, p. 97). Como fenômeno dialógico-intertextual, a paródia é uma *subversão legalizada*, na medida em que é *organicamente dependente* do discurso a que se opõe; e, tal como em Bakhtin, há também nesta leitura a licença sugerida de que a paródia não se confunde com a intertextualidade estrita, podendo ocupar-se de elementos mais abrangentes que um texto ou uma obra. Repete-se, no entanto, que, em suas análises, a autora cede pouca a nenhuma atenção a esses casos.

Em uma crítica dirigida a Bakhtin, que estendo agora a Hutcheon, M. Rose (1995, p. 169-170) permite esboçar uma hipótese que explicaria o motivo dessa dificuldade: diz ela que um dos problemas da descrição dialógica da paródia é sua *falha* em detalhar *explicitamente* como a dualidade estrutural da paródia preserva o que foi parodiado. Essa falta, por sua vez, se mantém na teoria da dupla-codificação: mesmo que a relação de preservação seja restituída, Hutcheon não consegue transpor a relação da necessidade representativa do discurso-origem (o paradoxo da repetição com diferença) para além de indicar a copresença dos códigos - ao que incorpora a intencionalidade pragmática para a determinação de um distanciamento mais ou menos hostil (o que chama de *ethos satírico* e *irônico*) em relação ao código de origem. Este impedimento, por um lado, da análise dos “códigos sociais” – como chama a autora – que coabitam a paródia, e o intencionalismo, por outro, que regraria a relação entre paródia e matriz, tornam essa teoria pouco produtiva em uma análise discursiva.

⁷² A autora inclusive destaca que a paródia sequer pode ser completamente associada ao campo do riso, pois nem toda produção paródica seria ridicularizadora. Não me alongarei nessa questão, mas marco, de qualquer maneira, minha discordância com essa tomada de posição, pois considero a paródia como funcionamento eminentemente do campo humorístico, como o entende S. Possenti (2010).

O que proponho, a partir da teoria discursiva de D. Maingueneau, é esboçar um caminho para suprir essa falha, recompondo a teoria da paródia nos termos da Semântica Global. Que fique claro que não descarto as teorias acima – pelo contrário, são a base do que desenvolvo aqui. Meu movimento teórico segue antes a caminho de sua complementação do que de sua desconsideração.

A TEORIA DA SEMÂNTICA GLOBAL

A base da teoria de Maingueneau (2008), que sofreu influência significativa do dialogismo bakhtiniano, consiste na proposição de que os discursos não se constituem de maneira isolada para *depois* antagonizar-se ou complementar-se. Sucintamente, uma formação discursiva (doravante, FD) constitui-se já no *interdiscurso*, no universo das relações discursivas possíveis, circunscrevendo seu Outro (seu interdito) no momento de sua fundação.

Um movimento teórico interessante articulado por Maingueneau é que, por conta dessa posição teórica, os discursos podem ser compreendidos como realizações de um *pequeno sistema de restrições semânticas*, uma potência ou virtualidade, e não um conjunto finito de enunciados materialmente enunciados; este sistema, ele o chamou de Semântica Global, uma vez que regeria não apenas o *conteúdo*, mas todas as manifestações do discurso *globalmente* (léxico, cenografia, tópicos etc.). Em outras palavras, o panorama complexo de enunciados existente não seria mais que a repetição de uma pequena “raridade” de “traços semânticos” – os semas –, e as formações discursivas poderiam ser compreendidas como a “exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” (MAINGUENEAU, 2008, p. 62). Isto posto, ser enunciador de um discurso (dominar a *competência discursiva* de determinada formação discursiva) é ser capaz de reconhecer enunciados “bem formados”, por um lado, e, por outro, de produzir um número ilimitado de enunciados que sejam cognoscíveis pelos outros enunciadores de uma mesma formação discursiva como adequados a tal discurso.

O que mais me interessa é que, em sua argumentação, Maingueneau destaca a *prática da imitação* como um indício forte para a existência desses núcleos. A possibilidade de imitar (sendo indiferente se há, ou não, “intenção” de desfiguração) levaria a supor a existência de um sistema-base. Não seria possível produzir textos miméticos – portanto, inéditos e *exteriores* – de outros discursos, dos quais não se há domínio, a não ser pela familiaridade com

um núcleo de um discurso fortemente individuado, que permitiria regras suficientemente claras para produzir esses novos enunciados exteriores. A questão – e este é outro passo muito importante – é que essa imitação *jamais poderia ser perfeita*, acarretando *sempre* em diferença: quando o enunciador de um discurso busca “imitar” seu diferente, acaba por desfigurá-lo independentemente de sua “intenção”, visto que só se pode produzir enunciados a partir de suas próprias categorias semânticas; portanto, quando um enunciador da FD A representa o discurso B, é impossível que o faça como /B/⁷³, mas apenas como negação de si mesmo, isto é, /não-A/. Essa “releitura” produz, por fim, um *simulacro*: aquilo que um discurso *efetivamente* diz de seu Outro pensando repeti-lo, mas que jamais seria aceito por ele como um enunciado adequado.

Para exemplificar, e deixar claro que o simulacro não é uma “falha”, mas uma consequência inevitável de qualquer contraposição, observemos o seguinte excerto da argumentação de Maingueneau: em certo ponto, sem citar diretamente a teoria materialista do discurso, à qual momentaneamente se opõe, censura que, “sob o pretexto de não reintroduzir o Sujeito idealista, chega-se a uma concepção pouco satisfatória dos enunciadores discursivos, *ceras flexíveis que se deixariam “dominar”, “assujeitar” por um discurso todo-poderoso*” (2008, p. 51-52, grifo nosso). Ora, a teoria materialista, dada sua orientação althusseriana, concebe a *interpelação* (a constituição do “indivíduo” em sujeito por meio do atravessamento ideológico) como um processo complexo, sendo inclusive um princípio que organiza suas análises discursivas; logo, *jamais aceitaria* que ela fosse descrita nesses termos (inclusive porque são, em certo sentido, jocosos). Assim, “interpelação” (discurso materialista, “B”) é representado por Maingueneau não como tal, mas, ao contrário, como uma falha ou uma simplificação formal (isto é, “não-A”).

Maingueneau explora somente esta relação de imitação, isto é, de uma polêmica assumida. No entanto, a tópica da “imitação” permite explorar outros tipos de relações “polêmicas” entre discursos, como sugere o próprio autor; neste caso, proponho estendê-la à paródia. A diferença *crucial* entre ambos (paródia e simulacro) é que o discurso paródico, já bem dizia Bakhtin (1993), não polemiza abertamente com o discurso original, mas o faz de forma velada. Não há, nos textos paródicos, um momento em que se diz abertamente “o texto original é *isso*”, ou ainda “segundo X, *aquilo*” (formas da produção dos simulacros). Reencontramos o paradoxo de Hutcheon: há o empréstimo de um “sema” matriz, e o preço

⁷³ Esta marcação entre barras (/B/) indica que se fala de um sema, traço constitutivo da semântica global de um discurso.

da dívida é manter para sempre a evidência dessa relação não por uma asserção em simulacro, mas pela *sugestão*.

O que proponho, finalmente, é que, analogamente ao simulacro, a paródia explora *o núcleo semântico da formação discursiva matriz* (não mais texto, ou obra, código ou voz social), sendo nele que encontra os elementos que mobiliza para produzir tanto sua repetição quanto sua diferença. Essa perspectiva, assim penso, permitiria suprir a falta anunciada por M. Rose: a ambivalência das duas estruturas, sua aparente convivência, seria fruto da leitura “em simulacro” da formação discursiva paródica de um ou mais semas do discurso parodiado – e o riso, enfim, da constatação dessa diferença. Ao mesmo tempo que a FD paródica se distancia da matriz, por reformular seu próprio conjunto sêmico inserindo seu sema em um sistema que lhe é incoerente, ainda a preserva, pois, paradoxalmente, não pode desvencilhar-se dela, visto que precisa desta ponte para que sua inversão seja reconhecida. Para exemplificar, retomo dois ou três casos de textos paródicos brasileiros.

ANÁLISES

Uma boa teoria interpretativa deve prestar-se a todos os casos. Portanto, dou início a uma exemplificação com uma paródia de *texto-a-texto*. O primeiro exemplo é bastante simples: um provérbio (1) e seu desvio paródico (2). O valor semântico deste tipo de produção textual, e isso é importante, reside em grande medida na sua capacidade de concentração e na sua aparência de ser um “profetizar” de uma verdade inquestionável (MAINGUENEAU, 2010). Vejamos como acontece a paródia:

- (1) “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”
- (2) “Mais valem dois marimbondos voando que um na mão”

Na matriz (1), podemos pensar que seu sentido é regido pelo sema /segurança/, em relação aos valores de *singularidade* e *proximidade*: isto é, para ser *seguro*, é melhor que seja *singular* e *próximo*. Na versão alterada (2), é importante observar que o enunciado *não deixa de ser proverbial*: ainda enuncia uma “verdade”. No entanto, o valor dessa verdade é semanticamente *antagônico* ao da matriz, cuja memória é preservada pela construção “mais vale A que B”: o sema /segurança/ se mantém, mas relacionado agora aos valores distância e complexidade (CAZELATO, 2008). Em separado, a versão paródica não perde seu sentido, mas, reconhecida a relação interdiscursiva, é como se pusesse em questão o absoluto da

verdade de sua matriz: *é possível que seja melhor acatar uma oportunidade próxima e segura do que algo distante; no entanto, há momentos em que essa distância é mais segura, pois a proximidade pode ferir*. Assim, as duas estruturas (matriz e desvio) convivem pela memória textual-discursiva do enunciado (“mais vale A que B”) e pela manutenção do sema /segurança/, agora reorientado semanticamente na paródia.

Efeito similar ocorre nas alterações do poema “Canção do Exílio” de G. Dias, transcritas abaixo. Estes recortes são os versos de três poemas distintos, sendo (3) a matriz – portanto, ainda estamos no âmbito das paródias obra-a-obra. O primeiro poema, de Dias, foi escrito durante o romantismo brasileiro, cuja característica marcante era sua orientação ideológica Nacionalista (possivelmente, Chauvinista), que fomentava a instituição de uma identidade nacional brasileira.

- (3) Minha terra tem
palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá (Gonçalves Dias)
- (4) Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturanos de Veneza
(Murilo Mendes)
- (5) Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há
(Mário Quintana)⁷⁴

A matriz expressa um sentimento nítido de nostalgia: exilado de sua terra natal, a Persona poética almeja seu retorno e elogia elementos de sua terra natal como *únicos e notórios*. A Escola Romântica, sendo partidária da ideologia patriótica, retém em seu núcleo semântico o sema /singular/, o que produz o discurso acima, em que os grandes valores do Brasil advêm deste país constituir uma “maravilha única”, algo original e insubstituível. Os poemas que seguem (4 e 5) produzem suas paródias a partir da expressão desse patriotismo singular.

A Persona poética de M. Mendes, por exemplo, explorando uma estrutura sintática quase idêntica (“minha terra tem X, onde canta Y”), denuncia que essa “unicidade” é, na realidade, exportada de outros países, sugerindo a vacuidade do patriotismo romântico. A

⁷⁴ Essas e outras versões da Canção do Exílio podem ser encontradas no endereço <https://blogdojeffrossi.blogspot.com.br/2015/02/15-parodias-eou-versoes-do-poema-cancao.html>. Acesso em 20/02/2018.

Persona de M. Quintana, por sua vez, para jogar com o mesmo tom patriótico vazio, não se contenta em alterar a nacionalidade dos elementos citados, mas de fato *expõe* sua platitude ao negar completamente o sema /singular/ (novamente, com a memória discursivo-texto de uma estrutura sintática quase idêntica). O funcionamento do paradoxo de Hutcheon é, aqui, evidente: o que permite o efeito paródico é, ao mesmo tempo, a troca de um sema incoerente no lugar de um coerente (/singular/, neste caso em particular), e a manutenção (pela memória textual-discursiva) do texto original.

Por último, retomarei um trecho do *corpus* com que venho trabalhando, os textos que motivaram essa reelaboração teórica do discurso parodístico. A questão não é mais de uma paródia texto-a-texto, mas de um discurso a outro. Não é de hoje o debate, que ocorre dentro e fora do campo jornalístico, sobre a possibilidade efetiva do “efeito de espelho” no jornalismo; isto é, se seria possível ou não ao jornalismo retratar a realidade “tal como ela é”. Este contrato da objetividade, no entanto, é o que confere, ainda hoje, *legitimidade* ao discurso jornalístico; em torno dele, organiza-se não só o *campo*, mas todo o aparato discursivo da imprensa: tanto suas práticas, bem como seu discurso (BIROLI; MIGUEL, 2017). A notícia fatural, gênero discursivo “ideal” do jornalismo informativo, para ser “bem produzida” (não como sensacionalista ou, mais contemporaneamente, como “fake-news”), tem de estar *adequada* a esse valor de objetividade (LAGE, 1985): desde sua estrutura (que vai da informação central / o acontecimento / aos seus desdobramentos), até sua formulação sintático-semântica (poucos adjetivos e ausência dos considerados “interpretativos”, frases curtas, sem afirmações circunstanciais etc.).

Constitui-se como sema de qualquer FD do campo discursivo jornalístico, portanto, a /factualidade/, visto que ele (o sema) organiza todas as realizações enunciativas das FDs quando enunciam a partir desse campo. Ressalto que a realização desse sema não é *homogênea* nem *absoluta*; caso fosse, dois jornais diferentes, de FDs distintas – podemos simplificar opondo direita e esquerda – não poderiam nunca existir; como seriam as notícias de ambos *objetivas*? A questão é que cada instituição jornalística compreende o mundo conforme sua FD (isto é, solidariamente com seus outros semas), e é *essa relação que produz diferentes efeitos de realidade, ou ainda, efeitos de objetividade*. A /factualidade/ para cada uma dessas FD se constitui como algo diferente (retratar a visão da polícia em detrimento da das comunidades; retratar a visão do trabalhador em detrimento da do patrão, por exemplo) e todo jornal *compreende-se objetivo* e estar *relatando a verdade*. A questão é que *o que é verdade* para cada uma das formações discursivas é uma coisa diferente – no

entanto, isto não interfere no fato de que cada uma *crê estar enunciando a verdade*, logo, interferindo nas escolhas *formais* dos textos, que *traduzem* a objetividade pela língua.

A desnotícia abaixo – de que recortei a “manchete” e o “lide”⁷⁵ – foi publicada logo após a sabatina de defesa no processo de impeachment da ex-presidenta brasileira, Dilma Rousseff. Diferente de (outros) jornais, que publicaram *sobre* a sabatina, o site *The Piauí Herald* (blog que publica desnotícias) atentou para outros elementos e “noticiou”, em resposta, um “acontecimento falso”, parodiando a cobertura da sabatina de Dilma.

(6) **Dilma vai fazer mímica para os senadores**

CASA DA MÃE JOANA – Depois de repetir as mesmas teses em seu discurso no Senado, nas respostas aos parlamentares e no cafezinho com Chico Buarque, Dilma Rousseff anunciou a adoção de novas táticas para sublinhar seus argumentos. “A partir das 20h, adotaremos um sistema inspirado no Responde ou Passa”, explicou o advogado José Eduardo Cardoso. “Dilma poderá escolher entre responder as perguntas ou pagar uma prenda.” Por volta da meia-noite, a presidente afastada usará a estratégia de desenhar seus pontos de vista numa cartolina presa num cavalete. De madrugada, partirá para o jogo de mímica.⁷⁶

Há, evidentemente, elementos *fatuais* no texto: durante sua sabatina, Dilma Rousseff repetiu suas teses (“o impeachment seria um golpe político”) inúmeras vezes, seja em seu discurso inaugural, seja em vista dos questionamentos *também repetitivos* que lhe foram dirigidos. No entanto, os “fatos” acabam aí. Isto é, é possível, se não provável, que Dilma tenha repetido essas mesmas teses ao cantor Chique Buarque, visto os posicionamentos políticos do cantor, anunciados publicamente, em defesa da ex-presidenta. Em todo caso, essa pequena “tirada” cômica não está no *script* jornalístico, não só pela pouca “prova” (ou relevância temática), mas porque de fato não apareceu nos veículos brasileiros de maior circulação. Logo, o que se segue na desnotícia é uma forma de explorar humoristicamente a repetição da presidenta na sabatina através do recurso às diversas formas recreativas (mímica, adivinhas etc.), que, inclusive, sugeririam que sua defesa seria *óbvia* (por isso poderia ser manifestada através de recursos simples), ou ainda, *lúdica* (quicá, de faz-de-conta).

⁷⁵ Mantenho as aspas para indicar que são categorias no rmalmente mobilizadas para descrever a estrutura das notícias. Como as desnotícias seguem a mesma “receita” cenográfica, opto por indicar essa diferença pela marca gráfica das aspas.

⁷⁶ “Dilma vai fazer mímica para os Senadores”, disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2016/08/29/dilma-vai-fazer-mimica-para-os-senadores/>, acesso em 15/10/2017.

O importante é que há alguma relação com o acontecimento (e como ele foi noticiado), mas a maior parte do texto não é *imparcial*, nem pretende representá-lo “tal como ele aconteceu”: o que se vê é que a desnotícia acima emprega a forma estrutural da notícia – mais uma vez, um caso de memória discursiva, visto que se encena um gênero (mesmo que não mais uma fórmula sintática específica) -, no entanto, sem comprometer-se com a *objetividade*; o compromisso é apenas com sua *aparência* – novamente, retornamos ao paradoxo de Hutcheon, agora à luz da teoria discursiva. A desnotícia imita toda a estrutura cenográfica da notícia fatural, que responde ao sema /factualidade/, para, no fim, esvaziá-lo, colocando o sema no seu limite de representação, sem fugir ao seu reconhecimento.

CONCLUSÃO

Como conclusão, posso apenas “resumir” e defender uma vez mais minha hipótese e proposta de trabalho. Pretendi expor aqui, em primeiro lugar, as teorias de M. Bakhtin e L. Hutcheon, explorando sua potencialidade mas também o momento em que falham ou que se tornam insuficientes. Retomei, em seguida, a teoria de D. Maingueneau sobre o interdiscurso, o simulacro e, principalmente, a semântica global, para propor uma abordagem discursiva da paródia. Assim, minha hipótese de trabalho, uma vez mais, é que a paródia é um fenômeno discursivo que opera na mesma proporção que um simulacro: uma formação discursiva que lê outras formações discursivas e que a ela se opõe; no entanto, não o faz abertamente, expressando diretamente sua diferença, mas simula um de seus semas, por vezes recorrendo à cópia estrutural, reformulando-o, seja por oposição, inversão, ou apenas em uma nova direção de sentido.

Acredito que, abordando a paródia não pelas suas intenções, mas em uma perspectiva que visa entender suas condições de produção, é possível estudá-la nos detalhes, efetivamente encontrando o que foi mantido e o que foi alterado, quais seriam as vozes ou códigos (discursos) que nela se opõe, e, além disso, qual a qualidade dessa oposição. Enfim, seria possível, finalmente, estudar a paródia em seus mínimos detalhes de produção de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. (1963) **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. Trad: Paulo Bezerra.

_____. (1975) **Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1993. Trad: Aurora Bernadini et al.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Jornalismo, conflito e objetividade. In: _____. **Notícias em Disputa: Mídia, Democracia e Formação de Preferências no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 57-90.

CAZELATO, Sandra. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. 2008. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: Ensino das formas de arte do Século XX**. Lisboa: Edições 70, 1989. Trad: Teresa Louro Pérez.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Trad: Sírio Possenti.

_____. Polifonia: Polifonia, Provérbio e Desvio. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Cap. 10. p. 171-186. Trad: Maria Cecília P. Souza-e-Silva.

POSSENTI, S. **Língua, Humor e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ROSE, Margaret. **Parody: Ancient, Modern and Post-Modern**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1995.